


Agravamento dos choques entre EUA e China anunciam uma nova fase da *escalada das tendências bélicas*

Manifesto PPRI

 A guerra tarifária de Trump simultaneamente contra 148 países já teve recuos, principalmente com o adiamento de sua aplicação por 90 dias, exceto para a China. Depois de uma semana de anunciadas as “tarifas recíprocas” para as importações para os EUA, já houve retrocessos, de 20% para 10%, se mantendo em 25% para algumas importações, a exemplo dos carros. Decretadas sobre a base de cálculos contábeis de como cobrir imediatamente o déficit comercial dos Estados Unidos com os países-alvos das medidas, foram efetivamente reduzidas para importações de telefones celulares, computadores, semicondutores e chips. A Rússia ficou de fora, à espera de acordos comerciais que a favoreçam em relação aos EUA. Ficam ainda em pé as tarifas de até mais de 150% (com ameaça de subir acima de 200%) contra a China. O governo Trump acreditava que bastava ameaçar e taxar a China para o regime filo estalinista cair de joelhos. Não obstante, foi o contrário do que aconteceu.

A China respondeu, com aumentos recíprocos às importações norte-americanas, fechou a torneira das exportações de minerais e matérias-primas essenciais para a produção de componentes e equipamentos eletrônicos e bélicos, e suspendeu as compras futuras de aviões da Boeing, importante empresa de tecnologia de aviação/militar dos EUA. Imediatamente, o governo republicano passou a sofrer a pressão dos monopólios, que não têm como produzir e lucrar sem os produtos importados mais baratos.

Em grande parte, a indústria norte-americana foi transformando-se em uma montadora de componentes. O que levou os capitalistas a contestarem a “guerra de tarifas” sem controle, a qual agrava as pressões inflacionárias, levou à venda massiva de títulos do Tesouro, e ao aumento exponencial do custo de produção. Musk, aliado de primeira-hora de Trump, esteve entre aqueles que o alertaram (criticando seus assessores) pelas consequências das medidas. O que é um claro indicativo da crescente pressão de capitalistas da base do governo, que visam a manter seus negócios lucrativos. Note-se que um dos principais obstáculos à guerra tarifária de Trump vem, precisamente, da profunda dependência dos EUA da divisão mundial do trabalho e da internacionalização da produção de componentes, matérias-primas e produtos.

As mesmas condições que, no passado, serviram aos EUA para se enriquecerem, e se elevarem por cima do mundo capitalista em seu conjunto, no atual curso de desindustrialização e financeirização da economia dos EUA, agora, retornam como entraves à lucratividade do capital e bloqueios aos investimentos na produção. A anarquia da produção capitalista, a concorrência, e a lei tendencial à queda da taxa do lucro dos monopólios minou progressivamente a base econômica da principal potência industrial até fins dos anos de 1980. Como já aconteceu com a Inglaterra, os EUA transformaram-se em grande parte em montadora de peças, e, fundamentalmente, cortadora de cupons e

centro do mercado cambial, processo que se espelhou no retrocesso de suas forças produtivas internas.

Por isso é que as tarifas como meio e pressão só poderiam ser efetivas contra as semicolônias e, em menor medida, contra a Europa capitalista; mas nunca contra a China industrializada, que avança como rolo compressor no mercado mundial, retirando os EUA e a Europa de suas posições comerciais. Desde 1990, os EUA caíram do 1° para o 20° lugar do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A gigantesca acumulação de capital não se reverteu em aumento das forças produtivas internas e, ao mesmo tempo, impulsionou a destruição das condições de vida mais elevadas da população estadunidense. Longe de resolver as contradições, esse percurso aumenta os perigos da luta de classes para a burguesia.

Durante esse percurso histórico, a burguesia norte-americana e seus governos de plantão recorreram ao monopólio do dólar para manter equacionados os lucros monopolistas, por meio do saque das dívidas públicas e da apropriação de parte da mais-valia mundial, o que tinha ainda a vantagem de despejar os estragos dos déficits norte-americanos sobre a maioria oprimida do planeta. Se, de um lado, a depreciação do dólar pode ajudar a baratear os custos de produção interna e alavancar a lucratividade das exportações, por outro lado, o aumento das importações pode destruir essa vantagem. O que se soma à “desdolarização” das transações mundiais, refletindo uma mudança nas relações

continua |>

econômicas internacionais, hoje favoráveis à China. Esse país apresenta uma taxa mais elevada de produtividade, baseada, sobretudo, na maciça modificação de seu componente orgânico e técnico na produção, favorecendo-a para inundar os mercados com mercadorias de alto valor agregado e mais baratas. Não é por acaso que os Estados Unidos fecham suas fronteiras, enquanto a China tenta abri-las. A China pode sofrer abalos pela guerra tarifária, uma vez que suas exportações trazem gigantescos recursos, que se reverterem no mercado interno e na produção. Mas, suas forças produtivas estão em ascensão (diferentemente dos EUA), e conta com enormes volumes de sobretrabalho, que abrem as economias nacionais por meio de investimentos em infraestrutura, créditos, etc.

Essas potencialidades e capacidades chinesas têm por fundamento a permanência da grande propriedade nacionalizada pela revolução proletária. O que demonstra que ela ainda não esgotou todas suas tendências internas progressivas, apesar de sufocada pelo parasitismo e política restauracionista da casta burocrática. A destruição da propriedade nacionalizada pelas revoluções é a única via no prazo imediato que pode dar uma sobrevida ao capitalismo, ao reconstruir as forças produtivas destruídas sob seu controle. Para progredir nesse objetivo estratégico, para a burguesia mundial é necessário atacar e militarizar as relações entre o capital e a força de trabalho. Ainda que as tarifas possam ajudar a elevar relativa e artificialmente o valor de mercadorias importadas e garantir aos capitalistas estadunidenses “competitividade” internacional e um mercado interno cativo e restrito aos produtos externos, em particular os chineses, uma rápida diminuição dos preços de produção se dará, fundamentalmente, à custa do aumento da massa da mais-valia arrancada do proletariado nacional, isto é, criando condições para que exploda a luta de classes internamente. O governo fascizante de Trump se prepara para isso, ao atacar e cortar violentamente as liberdades democráticas de organização e manifestação.

Trump recorreu às medidas adotadas em fins do século XIX e começo do XX, que marcaram a fogo o protecionismo norte-americano, estufa onde se desenvolveram as mais poderosas forças produtivas monopolistas do capitalismo. Base sobre a qual se projetaria o expansionismo imperialista que colocaria aos EUA como principal potência. Mas, Trump não expressa a fase de ascensão, mas a de decomposição. Reviver os velhos métodos nas novas condições em que a China conquistou mercados e se projeta como potência industrial mundial, alavancará o curso das guerras e da barbárie social. A sombra do intervencionismo sobre o Irã, o financiamento do genocídio palestino e os ataques aos houthis são passos na preparação de uma confrontação militar em larga escala, cujo principal alvo é a China. É visando a esse objetivo que Trump aprovou um trilhão de dólares em orçamento militar para 2025. Ainda que muito maior que o orçamento militar chinês (246 bilhões de dólares), é incapaz de frear o avanço na conquista da China dos conhecimentos técnicos e aplicações sobre as principais tecnologias mundiais.

O imperialismo de feições nacionalistas que se insurgiu no seio da decomposição da principal potência imperialista reacendeu as tendências que se gestaram no período de pré-Segunda guerra mundial. Por isso é que as medidas e políticas dos EUA cheiram ao passado mal digerido. Isso se verifica ainda em meio à desagregação da unidade capitalista da Europa. A decisão da União Europeia, de continuar a guerra na Ucrânia - e os lucros dos barões da indústria bélica -, somente é possível afundando as massas na miséria e pobreza o que, mais uma vez, preanuncia a explosão da luta de classes e o fortalecimento das tendências fascistas no seio dos governos europeus. Toda a podridão acumulada por décadas vem à superfície, e afoga o mundo em convulsões sociais, comerciais e bélicas. É isso também que explica por que as instituições internacionais (OCDE, ONU, OEA, TPI etc.) construídas sobre a primazia anterior dos EUA, acompanham o desabamento

e reacionarismo do capitalismo monopolista.

O essencial à política revolucionária é compreender que o choque entre os estados operários degenerados e o imperialismo continua sendo, como era na época de Lênin, o principal fator da crise mundial e das convulsões bélicas. O expansionismo militarista dos imperialistas sobre as fronteiras da China e da Rússia comprovam o quão vigente continua esse prognóstico histórico leninista. Assim, a luta de classes em cada país se manifestará em meio à decomposição das democracias burguesas, de crescentes e violentos ataques às massas e de projeção do militarismo imperialista.

A defesa das condições de vida colocará, imediatamente, a necessidade de derrubar os governos capitalistas, que as arrastam para a barbárie, e derrotar as tendências fascizantes incubadas nas democracias burguesas, com a estratégia, os métodos e as táticas da luta de classes proletária. O guia da ação revolucionária é a luta imediata, unitária e radicalizada, pela conquista das reivindicações e defesa das condições de vida e as liberdades democráticas contra os governos burgueses. O fim do militarismo imperialista se alcançará paralisando a indústria bélica, defendendo incondicionalmente as nações e povos oprimidos sob ataque imperialista e as conquistas revolucionárias do proletariado. No O Internacionalista nº 25, afirmamos: “A política e tática leninistas de transformar as guerras e intervencionismo imperialistas contra os estados operários e os países oprimidos em guerra civil contra a burguesia nos países capitalistas, seguem mais vigentes do que nunca”. Por isso, a tarefa mais imediata e urgente é “reconstruir a direção mundial revolucionária do proletariado sob o programa da revolução social nos países capitalistas, e da revolução política nos estados operários degenerados, defendendo incondicionalmente as economias nacionalizadas e os estados operários, sem compactuar em nada com os interesses das burocracias”. Não há outro programa capaz de frear a barbárie capitalista!